

Nancy María Mora Castro



**A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA MUPAI
NAS AÇÕES EDUCATIVAS DO MEMORIAL MINAS GERAIS VALE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Nancy María Mora Castro

**A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA MUPAI NAS AÇÕES
EDUCATIVAS DO MEMORIAL MINAS GERAIS VALE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Mariana de Lima e Muniz

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Mora, Nancy, 1985- A aplicação da metodologia MUPAI no Memorial Minas Gerais Vale: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Nancy Mora Castro. – 2015.

62 f. (36)

Orientador(a): Mariana de Lima e Muniz

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Muniz, Mariana. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A aplicação da metodologia MUPAI no Memorial Minas Gerais Vale*, de autoria de Nancy María Mora Castro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Mariana de Lima e Muniz - Orientador

Maurilio Andrade Rocha

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Aberta do Brasil, à Escola de Belas Artes de UFMG, à Especialização em Ensino de Artes Visuais, à minha orientadora Mariana Muniz, e ao Maurílio Andrade Rocha, ao Memorial Minas Gerais Vale e sua equipe do educativo e ao coordenador, tutores e colegas desta especialização, obrigada por ter aberto novos caminhos e oportunidades.

Agradeço à minha colega Renata Loureiro por sempre me incentivar e apoiar.

E finalmente agradeço também a minha família amada, que mesmo longe sempre estão presentes dando apoio e segurança.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar os trabalhos realizados em ensino de Artes Visuais dentro de espaços não formais de educação. Faz um breve panorama sobre as atividades efetuadas pela equipe do educativo do Memorial Minas Gerais Vale, localizado na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. Também apresenta a metodologia criada e executada pelo Museo Pedagógico de Arte Infantil, (MUPAI), da Universidad Complutense de Madrid. Este trabalho de pesquisa pretende contribuir com a realização de práticas educativas dentro de espaços museais, e de forma geral, em espaços não formais da educação.

Palavras chave: Arte-educação, ensino de arte, museu, pratica educativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Foto da fachada do Memorial Minas Gerais Vale, Crédito: Fernando Martins. 2013.....	17
Figura 2. Sala do Sebastião Salgado, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012.....	18
Figura 3. Sala da Fazenda Mineira, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012.....	18
Figura 4. Sala da Fazenda Mineira, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012.....	18
Figura 5. Sala das Vilas Mineiras, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: Élcio Paraíso, 2012.	18
Figura 6. Representação do Baobá, no Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: Nancy Mora Castro. Novembro 2015.....	26
Figura 7. Sala do Povo Mineiro, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: Henrique Bedetti, 2015.	27
Figura 8. Imagem contendo alguns dos símbolos Adinkras e seus significados.	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O ENSINO NÃO FORMAL	12
1.1. Aspectos da educação museal	14
1.2. O estudo do Museu Pedagógico de Arte Infantil – MUPAI	15
2. O MEMORIAL MINAS GERAIS VALE	17
2.2. Curadoria e museografia	18
2.3. O Educativo	19
3. APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DO MUSEU PEDAGÓGICO DE ARTE INFANTIL – MUPAI	23
3.1.Proposta de uma pratica educativa utilizando a metodologia MUPAI para o Memorial Minas Gerais Vale.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda a importância do Ensino de Arte nos espaços não formais da Educação, mais especificamente dentro de um espaço de lazer e cultura como é o museu.

É sabido que a escola ocupa um papel muito importante na sociedade. Segundo Chagas (1993), a educação formal caracteriza-se por ter uma estrutura forte, ocorre dentro da escola, precisa de um tempo determinado, uma organização na aprendizagem de conteúdos, habilidades e competências específicas, e requer resultados visando à obtenção de graus e títulos.

Quando se fala sobre educação não formal, refere-se àquela que ocorre fora da esfera escolar, podendo acontecer em museus e espaços de cultura, pelos meios de comunicação, ou outras instituições que organizam eventos com diferentes intenções, tais como oficinas, cursos livres, feiras e encontros. De acordo com Chagas (1993), a aprendizagem não formal acontece de acordo com os interesses do indivíduo, comumente por vontade própria e num clima agradável.

Os museus, como espaços de educação não formal, são lugares que reafirmam o diálogo permanente entre educação e cultura. Pode-se dizer que seu papel como espaço educativo – e também das ações desenvolvidas dentro desses espaços – tem sido revisto de maneira significativa nas duas últimas décadas. Segundo Cazelli (2005),

No contexto atual, muitos autores insistem em que a promoção da cultura seja desenvolvida por uma rede de instâncias culturais. Os museus vêm ocupando lugar de destaque nesta rede.

Fronza-Martins também comenta:

A questão da educação em museus possui um importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quanto no que se refere às práticas realizadas nesse espaço e suas possíveis reflexões. Percebe-se o interesse não apenas na organização e preservação de acervos, mas também na ênfase da compreensão, desenvolvimento e promoção da divulgação, bem como na formação de público como forma de disseminar conhecimentos por meio de uma ação educativa.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da percepção de alguns desafios presentes no cotidiano do educador museal e possíveis ferramentas que possam contribuir para amenizar esses desafios. Ao pesquisar sobre práticas educativas em museus do exterior, me deparei com o trabalho feito no Museo Pedagógico de Arte Infantil, o MUPAI, que se encontra dentro da Universidad Complutense de Madrid.

No primeiro capítulo será realizada uma reflexão sobre educação formal e não formal, bem como a importância de cada uma delas no processo de aprendizado do indivíduo. Neste mesmo capítulo, será motivo também de reflexão o papel que o educador ocupa no espaço museal e sua contribuição para o aprendizado do visitante. Em seguida, se faz uma breve apresentação do MUPAI e seu papel no ensino de arte em Madrid.

Já no segundo capítulo se aprofundará no trabalho realizado pela equipe do educativo no Memorial Minas Gerais Vale, museu localizado em Belo Horizonte, e lugar onde exerço atividades como arte educadora. Ao longo dos meus quase dois anos de funções neste local, me deparo com certas situações que permeiam o cotidiano do educador museal, e mais especificamente, do educador do Memorial. Por ser um museu dedicado à preservação da história e cultura de Minas Gerais, e por possuir um acervo permanente, a equipe do educativo sente a necessidade de renovar seu olhar constantemente em relação ao espaço de trabalho. Diferentemente do educador de arte que labora em espaços onde existe um acervo de obras exclusivamente de arte, e onde a exposição desse acervo muda depois de alguns meses; no Memorial, em cada visita, o educador faz uso de práticas educativas com a intenção de estimular o diálogo e a melhor compreensão do espaço por parte do visitante. Essas práticas variam de acordo com o percurso temático escolhido previamente pelo professor que marcou a visita, e é importante mencionar que o educador possui total liberdade no uso de ditas práticas. Observo como é necessário executar uma ferramenta para a criação de novas práticas educativas, que possua um embasamento e gere segurança para o educador na hora da criação. Muitas dessas práticas que já são desenvolvidas com visitantes são organizadas em função de outra área de conhecimento.

No terceiro capítulo se abordará a metodologia MUPAI para a realização de práticas educativas desenvolvidas para espaços não formais da educação. A pesquisa irá possibilitar a elaboração de exercícios no campo das investigações em artes visuais e práticas educativas, de acordo com a metodologia MUPAI, na tentativa de contribuir com o trabalho de educação museal e com o ensino de Artes Visuais nos espaços não formais. Com o levantamento do material mencionado serão apresentados os embasamentos teóricos e a formulação de tal metodologia. Desta maneira depois se realizará uma proposta de uma prática educativa especificamente para o Memorial Minas Gerais Vale realizada a partir de dita metodologia.

1. O ENSINO NÃO FORMAL

O conceito de educação formal é conhecido por seguir um currículo norteador e por acontecer dentro de uma instituição escolar. A educação não formal é baseada em uma prática escolar extraclasse, desenvolvendo atividades fora da sala de aula e do contexto escolar. Cabe ressaltar que a educação não formal passa a ser valorizada nas décadas de 1930 e 1940 graças a um projeto educativo em expansão no Brasil, onde se encaixa entre as instituições educacionais dedicadas à complementação da educação formal escolar.

Sobre a educação não formal, Gutemberg de Castro Praxedes (2009) nos diz:

A prática educativa em espaços não formais é um recurso catalisador de motivação e interesse, tanto por alunos como por professores. O crescimento dos espaços não formais coincide com mudanças recentes no mundo nos campos social, político, econômico e cultural. Como uma das consequências dessas mudanças, temos o crescimento de outras instâncias difusoras de conhecimento quebrando assim a hegemonia da escola.

A partir da década de 1990, segundo Ana Mae Barbosa (2006), surgem no Brasil, várias discussões sobre o papel dos museus dentro do campo da educação. Também coincide com uma procura maior, nesse período, por parte dos professores dessas ações educativas que os museus oferecem. Barbosa (2006) ressalta a relevância dessas discussões e a importância de capacitar as pessoas para a leitura de imagens. Segundo a Ana Mae (2006), a sua metodologia da Abordagem Triangular foi originada pensando na insatisfação de um sujeito, que apesar de ter estudado arte durante toda sua vida escolar, não se sentia capacitado para entrar em um museu, não se sentia capaz de entender e usufruir a arte. Barbosa (2006) nos diz ainda que:

À medida que a abordagem triangular foi sendo difundida e, posteriormente, quando seus princípios foram integrados, como agenda escondida, aos Parâmetros Curriculares determinados pelo MEC (1996/1997), a procura dos professores por cursos e visitas a museus foi intensificada.

Dentro dos museus como instituições de ensino não formal, encontram-se práticas educativas caracterizadas por propiciar vivências de novas experiências que

fomentam a consolidação do conhecimento dinâmico, momento em que aquela passividade do estudante poderá transformar-se em criatividade, tornando o aluno um corresponsável na tarefa de aprender. Pode-se afirmar que os museus contribuem efetivamente para o aprendizado em artes visuais. As ações educativas realizadas dentro dos museus e fora da sala de aula podem ser complementares às atividades escolares, gerando um diálogo entre ambas.

O ensino de arte atualmente tem sofrido algumas mudanças, no que diz respeito ao papel dos professores de arte e suas práticas educativas na escola e no museu. Os autores Teresina Franz (2003) e Fernando Hernández (2000) destacam que qualquer educador que atue em educação formal e não formal deve estar alerta às mudanças e acontecimentos socioculturais para ajudar os estudantes a terem uma melhor compreensão da arte, de forma mais crítica, também da cultura visual e do contexto em que vivem. Sobre este tema Hernandez (2000) expõe que:

As obras artísticas, os elementos da cultura visual são, portanto, objetos que levam a refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual se produzem.

Na proposta “Educação para a Compreensão Crítica e Performativa da Cultura Visual”, Hernandez (2000) evidencia que o estudo de qualquer obra de arte deve ser iniciado levantando questionamentos, fazendo perguntas que estimulem alunos e professores, bem como educadores de museus de arte, a realizarem estudos mais aprofundados sobre os objetos artísticos.

Segundo Martins (2007), a ampliação de conhecimento tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético estimulando e ressignificando o conhecimento.

Aproximar a educação formal e a não formal proporciona uma educação em artes emancipadora, na medida em que fomenta o desenvolvimento de todas as potencialidades do sujeito ampliando seu conhecimento. Promovendo também o aprendizado consciente, autônomo, democrático. O educador ao levar os alunos aos museus está contribuindo para esta educação que visa munir o estudante da

capacidade de compreender as visualidades do mundo contemporâneo que o cerca de forma cidadã e crítica.

1.1. Aspectos da educação museal

Os museus são instituições que oferecem vastas oportunidades de aprendizagem e a educação é uma das suas funções principais. A criação e execução eficaz de ações educativas em museus aprimoram essas atividades. As variações dos programas educativos dos museus vão depender do espaço físico, dos recursos financeiros, da equipe, do tipo de acervo e do público que frequenta. No entanto, cada museu, deve procurar maximizar a função educativa de seus recursos.

Lembrando John Dewey, Meneses (2000)

[...] educar é garantir ao indivíduo condições para que ele continue a educar-se. Em outras palavras, educar é promover a autonomia do ser consciente que somos - capazes de proceder a escolhas, hierarquizar alternativas, formular e guiar-se por valores e critérios éticos, definir conveniências múltiplas e seus efeitos, reconhecer erros e insuficiências, propor e repropor direções.

Entende-se, no caso da educação em museus, que a instituição deve ser crítica da mesma forma que o projeto educativo e o educador, que a ação de mediação deve propiciar ao espectador ferramentas para uma interpretação e um entendimento crítico do conteúdo do museu. O autor completa:

Pode haver educação que não tenha como eixo a formação crítica? Estou seguro que não. A capacidade crítica é, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avaliá-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas de tempo rápido ou lento. É com a formação crítica que os museus deveriam se comprometer a trabalhar [...]

Pode-se afirmar que a educação é o caminho para que o público aprenda a usufruir dos espaços museais, apreenda seus mecanismos de funcionamento, compreenda sua dimensão política e conheça a museografia como processo que dá corpo às instituições. Associado a essa ideia, devemos entender que museus são produtos culturais, o que os distancia de qualquer ideal universalista ou de

neutralidade. Desta forma, entender como são formulados e como são construídas as narrativas expositivas e educativas faz parte dos fundamentos da educação em qualquer museu.

Nas práticas educativas realizadas nos museus é essencial favorecer o acesso às obras, dando-lhes sentido para o espectador e promovendo diversas leituras sobre elas. Por meio das práticas educativas é possível sensibilizar o visitante e fazer com que este se aproprie dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e científicos envolvidos. O educador deve, ao planejar suas ações e ao realizar a mediação com o público, considerar que este não deve ser exposto a longos períodos de exposição oral, não deve ser submetido à leitura de textos imensos, mas deve, sim, saber se localizar, se sentir à vontade para interagir, podendo dialogar com seus pares e com o mediador.

Realizando a mediação entre o conhecimento exposto e o público, o conhecimento apresentado passa por transformações com objetivo de se tornar compreensível ao público. Para isso, o mediador deve obter informações sobre o visitante, buscando estabelecer pontes entre sua bagagem cultural – conceitos, vivências, ideias – e aqueles apresentados dentro do espaço museal.

Esse processo deve acontecer com base nas concepções e orientações do setor educativo da instituição. Com a responsabilidade de formar os mediadores, esse setor deve colocá-los em contato não só com os conceitos científicos presentes na exposição, como também com os aspectos gerais da educação e da comunicação em museus, para que estes possam ser elementos orientadores da sua prática profissional.

1.2. O estudo do Museu Pedagógico de Arte Infantil - MUPAI

O Museu Pedagógico de Arte Infantil, MUPAI, começou como uma espécie de laboratório de pesquisa em atividades didáticas relacionadas ao ensino

de artes visuais dentro do espaço museal em 23 de junho de 1981, na cátedra de pedagogia da Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid.

Hoje o trabalho se baseia em uma filosofia e uma metodologia educativa próprias, sendo o primeiro museu na Espanha dedicado à educação artística e à criança como produtor plástico. A intenção inicial do museu foi impulsionar e estimular a capacidade de criação nas crianças e adolescentes, procurando melhorar os recursos para a formação de professores e proporcionar um local de pesquisa da expressão plástica infantil. Atualmente este espaço é um lugar de encontro para crianças e adolescentes e todas aquelas pessoas com interesse em arte e em educação. No MUPAI se promove o interesse das crianças pelo universo artístico, as atividades desenvolvidas estão focadas na criatividade das crianças por meio da criação de workshops e exposições. Esta instituição destina-se a ser, além de ser um espaço expositivo, um lugar para aprender e fazer, onde a educação é o principal objetivo.

A metodologia utilizada no MUPAI é a união de diferentes tendências e teorias na arte-educação que compila a forma de trabalho realizado pela equipe do museu, que está em constante pesquisa desde sua abertura. Desta forma, segundo Antunez del Cerro (2008), desde a metodologia MUPAI, os motivos para desenvolver uma atividade educativa em torno da arte são por um lado essencialistas, para conhecer a arte, e por outro lado instrumentalistas, pois através da arte é possível conhecer o contexto cultural e social em que foi criada.

2. O MEMORIAL MINAS GERAIS VALE

O Memorial Minas Gerais Vale é um museu criado e mantido pela Fundação Vale. Abriu suas portas no ano de 2010 e faz parte do Circuito Cultural Praça da Liberdade¹. O prédio construído em 1897 abrigou Secretaria do Estado da Fazenda de Minas Gerais, e hoje essa edificação é tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais– IEPHA/MG.

O Memorial é um museu dedicado à história e cultura de Minas Gerais, que faz uma ligação direta entre passado e presente, com a intenção de promover uma aproximação maior por parte do público com todas as questões que permeiam as tradições de Minas Gerais.

Caracterizado como MUSEU DE EXPERIÊNCIA, o Memorial Minas Gerais Vale traz a alma e as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam os visitantes do século XVIII ao século XXI. (<http://www.memorialvale.com.br>)

O Memorial não só traz um recorte histórico, ele traz a cultura de Minas Gerais de uma maneira interativa e contemporânea, onde o visitante tem a oportunidade de vivenciar e interagir de forma lúdica e entretida com o espaço. Nas 28 salas que compõem o museu a tecnologia é utilizada juntamente com objetos e cenários tradicionais para criar um espaço rico e inovador.



Figura 1. Foto da fachada do Memorial Minas Gerais Vale, Crédito: Fernando Martins. 2013.

¹ Idealizado pelo governo de Minas Gerais, o Circuito Cultural Praça da Liberdade é um conjunto de espaços culturais instalado nos antigos prédios administrativos do Governo que cercam a Praça da Liberdade

2.1. Curadoria e museografia

O projeto de Curadoria e Museografia do Memorial é assinado por Gringo Cardia, artista e arquiteto brasileiro de relevância internacional. O museu é composto por 28 salas e a estrutura é dividida em três conceitos centrais, segundo o Plano do Educativo do Memorial:

Minas Imemorial Clássica – a história e a memória do século XVII ao XXI.

Minas Polifônica Multicultural – as múltiplas dimensões culturais e artísticas de um Estado de muitas faces.

Minas Visionária – os conceitos da tradição, entusiasmo e utopia na cultura e no pensamento mineiro.



Figura 5. Sala das Vilas Mineiras, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: Élcio Paraíso, 2012.



Figura 3. Sala da Fazenda Mineira, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012.



Figura 4. Sala da Fazenda Mineira, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012.



Figura 2. Sala do Sebastião Salgado, do Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: João Marcos Rosa, 2012

Ao longo dos três pavimentos não há uma sequência preestabelecida de roteiro, o visitante tem a liberdade para fazer seu próprio percurso.

O primeiro pavimento é dedicado à vida e à obra de artistas muito importantes para a cultura de Minas Gerais. Nesse piso encontram-se também espaços de convivência como LER + VER, o Café do Memorial, a MEDIATECA e o Cyber Lounge. O segundo pavimento tem como foco a identidade mineira: as cidades, a vida da população no passado, sua formação, suas famílias, e seu cotidiano; e, no terceiro pavimento, o destaque são as artes: artes visuais moderna e contemporânea, música e cinema. Nesse andar encontram-se duas salas dedicadas às exposições temporárias de novos talentos de Minas Gerais, e também se encontra o corredor das artes, com registros de grandes artistas plásticos mineiros.

2.2. O Educativo

A equipe do Educativo do Memorial Minas Gerais Vale é formada por uma Coordenadora, um Assistente Educativo, dois Assistentes de Projetos Educativos, dezessete Educadores, sendo três bilíngues, quatro Recepcionistas e dois Estagiários (para ver a ficha técnica completa conferir anexo A). A formação da equipe é diversificada, o que estimula a construção de diversas experimentações com o Memorial. Os educadores, profissionais graduados e pós-graduados, planejam ações de acordo com suas pesquisas individuais, coletivas e institucionais. Os resultados desses estudos e também os conhecimentos construídos são transformados em novas propostas educativas. O educativo também é responsável pelo atendimento ao público desde a recepção, momento onde o visitante é acolhido, escutado e direcionado de acordo com seus interesses.

O Memorial assume a pesquisa, a conservação e comunicação de registros da cultura imaterial de Minas Gerais como suas principais atividades, o que caracteriza o espaço como um museu, de acordo com o Conselho Internacional de Museus, ICOM. Segundo Desvallées (2013):

Museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, conservam, estudam, comunicam, expõem e transmitem o patrimônio

material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite.

A educação é, portanto, uma das principais funções dos museus, que por meio de ações voltadas aos diversos tipos de público, comunicam seus acervos focando na ampliação e na qualificação do acesso à Cultura e ao Patrimônio.

No Memorial, a equipe do educativo é responsável por atender público espontâneo e por realizar visitas agendadas. De acordo com o Plano do Educativo do Memorial, as ações realizadas pela equipe corroboram as ideologias museológicas contemporâneas, que concebem os espaços culturais como lugares abertos à reflexão e à diversidade e que cumprem sua função social ao promover diálogos entre a instituição, os bens culturais e o público. Ditas ações promovem momentos de contemplação e processos comunicativos instigando a participação e o estabelecimento de conexões pessoais, além de trocas de expressões entre os membros do grupo.

As visitas têm uma duração de até 90 minutos e são compostas por grupos de até 15 pessoas acompanhadas por um educador. Essas visitas não contemplam o espaço todo, a equipe acredita que fazendo recortes ou percursos temáticos dentro do Memorial é possível realizar a visita sem pressa, motivando a construção de narrativas e a ativação da memória presando pela qualidade e não pela quantidade.

A equipe do educativo está aberta à experimentação. Durante as visitas, as ações educativas realizadas pelos educadores do Memorial ao invés de serem baseadas na transmissão de informações (Visita Expositiva) estas acontecem por meio da experiência do indivíduo, do estímulo dos sentidos e conhecimentos construídos durante a estada no museu (Visita Mediada), ações em que a curiosidade é estimulada. Paulo Freire (2002) escreve:

Como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como pergunta de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, (e que) faz parte do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos [...] Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente

construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativa progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.

Atualmente a equipe desenvolve ações específicas para diferentes segmentos do público do museu. Essas ações têm como base as pesquisas realizadas pelos educadores durante seus encontros e horários dedicados à formação continuada. Os educadores pesquisam sobre temáticas pertinentes, compartilham o que foi pesquisado, promovem discussões teóricas, acompanham Visitas Mediadas e multiplicam os resultados dos encontros de formação para outros colaboradores envolvidos.

A partir desses encontros de formação são criadas e desenvolvidas práticas educativas, como estratégias de mediação; por exemplo, provocações em forma de jogos, poesias, imagens, objetos, brinquedos, instrumentos musicais, com o objetivo de promover um olhar mais sensível consciente e questionador, a ativação dos sentidos e curiosidade pelos bens culturais expostos nas salas. Ditas estratégias de mediação são utilizadas como detonadores para o diálogo entre o visitante e a temática tratada.

A museografia do Memorial propõe três conceitos centrais que indicam circuitos de visitação, como mencionado anteriormente, Minas Imemorial Clássica, Minas Polifônica Multicultural e Minas Visionária. A equipe de educadores desenvolveu outras maneiras de fazer recorte do acervo e sugere novas formas de experimentar o espaço, de acordo com as necessidades e propostas do público. Esses percursos também podem ser estabelecidos a partir de órgãos temáticos propostos por órgãos municipais, estaduais e federais de educação, colocando o museu em interlocução com professores e estudantes, e desta maneira contribuir com a formação desses sujeitos. Os percursos temáticos criados pelo Programa Educativo do Memorial são:

I Literatura e Memória: Estimular a sensibilidade estética, a imaginação e o senso crítico, por vezes, lançando o texto literário em seu contexto histórico específico; por outras, potencializando leituras individuais.

II Artes Visuais, Imagem e Memória: refletir sobre as modificações que as expressões artísticas sofreram, ao longo do tempo, propondo questionamentos sobre o que é Arte, bem como oportunizando vivências e proposições poéticas dentro do espaço museal.

III Africanidades e Memória: Resgatar a cultura africana presente em Minas Gerais, percebendo e valorizando a diversidade étnico-cultural, assim como identificar e reconhecer as diversas formas de resistência como manifestações culturais.

IV Mineiridade: discutir sobre a diversidade cultural do estado de Minas Gerais, entendendo valores e processos de transformações históricas e sociais.

V República e Memória: Problematizar a implantação da República no Brasil, identificando os conceitos, símbolos e espaços públicos que marcaram o ideal republicano em Minas Gerais.

VI Cartografia e Memória: Refletir sobre os espaços de ocupação do estado de Minas Gerais, o que significa repensar caminhos, seja pela forma geométrica traçada pela Comissão Construtora de Belo Horizonte ou pelas trilhas abertas, clandestinamente, pelos traficantes escravos, em que a cor pálida do cerrado e as serras se mesclavam nas ilustrações dos disputados mapas de Minas Setecentistas.

VII Infância e Memória: Potencializar, a partir de práticas lúdicas, o papel do museu como espaço de encantamento e formação. Ativar de forma criativa o diálogo entre a criança e os espaços expositivos do Memorial, criando situações em que ela possa vivenciá-los e experimentá-los.

É a partir desses percursos que a equipe desenvolve as práticas e ações educativas, e também a dinâmica da visita.

3. APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA DO MUSEO PEDAGÓGICO DE ARTE INFANTIL – MUPAI

O Museu Pedagógico de Arte Infantil (MUPAI) possui um procedimento inovador no quesito de ensino de arte nos museus. Segundo Antúnez (2008), a metodologia MUPAI considera que uma atividade educativa é um momento onde o participante tem a oportunidade de gerar seus próprios conhecimentos a partir da sua visão de mundo e da sua interpretação dos produtos visuais que o permeiam. As atividades realizadas a partir dessa metodologia têm como objetivo vincular as temáticas e os conteúdos abordados com a cultura visual infantil atual e com a realidade dos participantes. Segundo Antunez, N. (2008):

Vivemos dentro de um mundo cheio de imagens. Graças à capacidade de produção e reprodução industrial, as imagens estão, segundo Jiménez (2002), inseridas em nossas vidas mais que em qualquer outro momento histórico no que se refere ao universo visual, quer dizer, em mundos paralelos ao mundo real construídos a traves da linguagem visual e que têm influencia em nossa identidade e nossos a fazeres cotidianos cada vez maior do que a própria realidade. Esses mundos visuais são chamados também de cultura visual (Acaso, Chaplin, Mirzoeff e Walter dentre outros) e estão formados pelo grupo de imagens que ajudam a dar significado ao mundo para uma determinada cultura e que formam parte da nossa vida diária. Esse conjunto de imagens é o objeto de estudo e o motivador da Educação para a cultura visual.

A metodologia MUPAI, criada com a intenção de auxiliar os educadores no momento de formular atividades e ações educativas em arte, possui os seguintes aspectos importantes, segundo García Cuesta, (2011):

1. Gerar conhecimento: A metodologia MUPAI procura acima de tudo que o participante tenha a capacidade de gerar seu próprio conhecimento.
2. APR (Apreciação/ Produção/ Reflexão): Em uma atividade educativa realizada a partir da Metodologia MUPAI, os processos de apreciação e reflexão terão a mesma importância que a etapa de produção; de tal forma que, além do fazer os participantes tem a oportunidade de aguçar o olhar.
3. Conexão com a realidade: Para que o aluno realmente compreenda o conteúdo da atividade é fundamental a conexão com a sua realidade e com seu cotidiano, desta maneira, é possível despertar seu desejo e atenção.

4. O papel do educador: Para realizar a atividade com satisfação, é fundamental a figura e a postura do educador, que é concebido como uma espécie de agitador mental.
5. Tarefas de pesquisa: As fases de apreciação e de produção fazem parte de um projeto de pesquisa contínuo dentro do contexto do ensino de arte e arte infantil, pois dessa maneira é possível modificar e atualizar o planejamento das atividades.
6. Inclusão de novas tecnologias: Incluir o uso de novas tecnologias ao trabalho de ensino de arte faz com que o aluno se sinta mais motivado e mais próximo da sua realidade.

A metodologia MUPAI pretende fomentar sempre a criatividade dos participantes, concedendo a mesma importância aos processos de apreciação e de produção. Segundo García Cuesta (2011), a fase de apreciação corresponde à parte teórica das atividades, à leitura de imagens e contextualização da prática, fazendo uso de novas tecnologias que oferecem a possibilidade de ver e compreender melhor o conteúdo das atividades propostas pelos educadores. Na fase de produção, propõe-se aos participantes trabalhar com técnicas e materiais que colocam em concordância a atividade prática e a teórica. O educador tem a tarefa de estimular um diálogo com os alunos e também o interesse pela atividade, fazendo com que sejam eles os que lideram a prática.

Nesse ponto é possível traçar um paralelo com a Proposta Triangular para o ensino de Artes Visuais de Ana Mae Barbosa, que basicamente sugere que, de forma integrada, aconteça o fazer artístico, a análise das obras e objetos de arte e a história da arte.

As práticas realizadas a partir da metodologia MUPAI possuem uma estrutura simples que pode ser resumida em quatro passos fundamentais, de acordo com García Cuesta (2011):

1. Detonante: refere-se a aquele elemento que inicia uma atividade e cuja função é captar a atenção dos alunos de forma imediata, pode ser uma surpresa ou criar uma expectativa. O educador pode usar uma pergunta ou

um elemento visual para ser o detonante, que levante questionamentos que o aluno seja capaz de resolver ao longo da atividade.

2. Fase de análise: é a parte teórica da atividade. Nela se mostra aos alunos uma série de imagens (artísticas, informativas, comerciais, etc) que aos poucos vão ajudando aos alunos construir uma solução à problemática proposta no início. No final da fase de análise, o educador faz a proposta de um trabalho prático.

3. Fase de produção: Propõe resolver com um trabalho prático a questão proposta no início da atividade. A atividade prática faz com que os alunos tenham contato com as técnicas artísticas que se relacionam com o conteúdo teórico da proposta. O objetivo não é que os alunos dominem as técnicas artísticas e sim que a realização desse trabalho funcione para compreender um determinado conceito relacionado com arte ou com a cultura visual.

4. Debate ou troca de opiniões: para finalizar a prática, os participantes irão realizar um bate papo onde cada um vai colocar a solução para o detonante. Irão debater sobre os processos de realização e as dificuldades apresentadas, desta maneira surgirão críticas construtivas em torno do próprio trabalho e o dos colegas, e ao aprendizado ao longo da atividade. Durante essa fase os participantes realizam também uma avaliação da atividade e do educador, colocando suas opiniões à tona.

3.1. Proposta de uma prática educativa utilizando a metodologia MUPAI para o Memorial Minas Gerais Vale.

Como mencionado no capítulo dois desta monografia, o Memorial Minas Gerais Vale possui os Percursos da Memória, recortes temáticos que possibilitam realizar uma visita mais direcionada e de melhor qualidade. Quando o educador de alguma instituição vai realizar o agendamento de uma visita, os encarregados oferecem esses percursos criados pela equipe do educativo com a intenção de que

a visita tenha um eixo temático específico. Uma vez escolhido o percurso, a instituição agendada será recebida por educadores que possuem um domínio do tema, e que irão realizar as práticas educativas com o foco nesse percurso. Neste caso foi pensada a realização de uma prática para o percurso de Africanidades e Memória. Recorte temático realizado com a intenção de resgatar a cultura africana presente em Minas Gerais, valorizando a riqueza cultural e a diversidade étnico-racial. Durante este percurso, o visitante percorre algumas salas, as quais é possível visualizar a presença do negro em diversas manifestações culturais de Minas Gerais, participará de discussões que abordam temas como racismo, preconceito e desigualdade étnico-racial, por meio de práticas e atividades educativas.

Prática: Aos pés do Baobá

Apresentação: Como parte do material didático, a equipe do educativo do Memorial construiu uma representação da árvore Baobá com a finalidade auxiliar nas visitas e nas ações educativas. A árvore, original da África, é uma das mais antigas da Terra, e quando adulta, seu tronco é considerado o mais grosso do mundo. São árvores que vivem séculos e podem chegar aos 6.000 anos de idade. Em alguns lugares da África o Baobá é considerado sagrado, sendo utilizado como motivo de inspiração para lendas, ritos e local para contação de histórias. Esse símbolo importante para a cultura africana contribui com a discussão da história, cultura e identidade das pessoas negras, e também das origens da população mineira.



Figura 6. Representação do Baobá, no Memorial Minas Gerais Vale. Crédito da foto: Nancy Mora Castro. Novembro 2015.

Publico: 10 crianças de 8 e 9 anos visitantes do Memorial.

Local: Jardim.

Duração: 1h30.

Materiais necessários:

Material para desenho (lápis de cor, canetinhas coloridas, giz de cera, etc)

Cartões de papelão kraft previamente cortados

Detonante: Depois de uma breve conversa introdutória sobre Africanidades e o significado do Baobá, se propõe às crianças a pensar sobre a sua própria passagem pela vida, e se tivessem que deixar uma história para contar sobre ela, qual seria?

Fase de análise: Neste momento, se realizará uma contextualização sobre a história dos africanos em Minas Gerais, desde o momento que eles chegaram ao Brasil. Para isso, se visitará a sala do Povo Mineiro com a intenção de assistir ao vídeo do povo africano.

A Sala do Povo Mineiro possui três cabeças e uma mão gigantes, posicionadas na parte superior do espaço. Cada cabeça conta a história de um dos povos que conformam a origem da população mineira: africanos,



Figura 7. Sala do Povo Mineiro, do Memorial Minas Gerais Vale.
Crédito da foto: Henrique Bedetti, 2015.

européus e índios, e a influência cultural de cada um deles em diversas áreas como a arte, gastronomia, economia e religião, dentre outras. O vídeo dos povos africanos aborda a partir do momento em que eles chegaram ao Brasil, até a posição no negro nos dias de hoje, qual é sua atuação na cultura de Minas Gerais.

Fase de produção: Logo após assistir ao vídeo propõe-se que, cada aluno conte a história que gostaria de compartilhar aos pés do Baobá. A questão é que essa história não pode ser contada de forma tradicional, com uma narrativa escrita.



Figura 8. Imagem contendo alguns dos símbolos Adinkras e seus significados.

Fazendo uso de material de desenho como canetas coloridas e cartões de papel kraft, os alunos irão contar a sua história através de desenhos e carimbos. Esses carimbos contêm figuras dos símbolos Adinkra, utilizados comumente no leste da África para representar conceitos ou

aforismos e são utilizados como ornamentos em estampas de roupas e tecidos. Cada símbolo possui um significado diferente, por exemplo, beleza, força, entendimento, esperança, sinceridade, etc. Depois de terminado, o trabalho de cada aluno será pendurado no Baobá para ser exibido aos demais colegas.

Debate ou troca de opiniões: A partir da história compartilhada por cada aluno, é possível discutir sobre diversidade, preconceito e racismo. A prática pretende fomentar a conscientização das crianças sobre como combater o preconceito, sobre a importância da autoconfiança e da autoaceitação, por meio da valorização da própria identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de arte em espaços não formais de educação se apresenta como um complemento das experiências de aprendizado de um indivíduo. A formação de um sujeito, em um espaço não formal, ocorre quando existe a vontade própria de criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar. Desta maneira, é possível definir a educação não formal como aquela que proporciona aprendizagem de conteúdos em espaços como museus, centros de ciências, espaços de cultura ou qualquer outro em que as atividades sejam realizadas de forma direcionada.

Observando a educação não formal no âmbito dos espaços museais, a mesma possui como um eixo de atuação as atividades realizadas dentro de ditos espaços, chamadas de ações educativas. Segundo as autoras Von Simson e Park Fernandes (2001):

[...] a transmissão do conhecimento acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não-aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo ensino-aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender”.

A terminologia ação educativa, refere-se, segundo Teixeira (1997), às ações de ensino e aprendizagem que se encontram centradas na interação entre os visitantes e os objetos que se articulam em uma exposição, mediados por educadores. É necessário que ditas atividades aconteçam para que haja uma articulação do afetivo, do emotivo, do sensorial e da produção do conhecimento. As autoras Von Simon e Park Fernandes (2001) abordam:

[...] atividades de educação não- formal precisam ser vivenciadas com prazer em local agradável, que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiências, de formação de grupos (de proximidade, de brincadeiras e de jogos, no caso das crianças e jovens), de contato e mistura de diferentes de idades e gerações.

Observa-se como as práticas educativas realizadas dentro dos museus são de fundamental importância para potencializar a experiência do sujeito. Ditas atividades podem ser complementares às atividades escolares, integrando o diálogo estabelecido dentro da sala de aula sobre determinado tema.

O educador museal enfrenta diversos desafios e por esse motivo ele deve estar em constante atualização. Esse fator me incentivou a aprofundar no estudo da metodologia criada e executada no Museo de Arte Pedagógico Infantil (MUPAI), que visa a realização de práticas educativas em espaços não formais da educação.

Durante a pesquisa sobre o trabalho realizado no MUPAI e durante a criação da prática educativa para o Memorial Minas Gerais Vale, me deparei com um fator importante e o diferencial na minha escrita. O MUPAI é um museu dedicado exclusivamente ao ensino de arte na infância, por meio de atividades educativas que buscam vincular a temática abordada com a cultura visual e com a bagagem cultural de cada visitante. Já o Memorial, museu voltado para a valorização da cultura e história de Minas Gerais e lugar onde exerço atividades como educadora, busca nas suas práticas educativas, aproximar o conteúdo e o visitante através da sua própria experiência e sua bagagem cultural, estimulando a criatividade e a curiosidade.

Percebo que no Memorial não se trabalha diretamente com arte. No caso, a arte faz parte do conjunto cultural como um todo. Ambos os espaços de cultura e lazer possuem objetivos e conteúdos diferentes. Nas práticas educativas realizadas dentro do MUPAI, o objetivo primordial é que o visitante tenha contato direto com arte e que se permita vivenciar os processos através do contato com arte. No caso do Memorial, por não possuir um acervo de obras de arte, os objetivos das práticas são mais direcionados ao conteúdo histórico e cultural do museu. No presente trabalho se fez uso da metodologia MUPAI para criar uma prática educativa direcionada ao conteúdo do Memorial. O resultado apresentou uma prática educativa que, fazendo uso dos mecanismos do ensino de arte, se apresentou uma prática criada com a finalidade de tratar de uma temática específica, a identidade, a autoaceitação e o combate ao preconceito.

A partir dessa experiência de pesquisa pretendo continuar investigando sobre ensino de arte em espaços não formais de educação, sobre mediação enquanto arte, e o papel do professor-artista. Acredito muito que ainda há um longo caminho a ser percorrido no que se refere à educação e mediação em museus. Cada espaço pode criar a sua própria metodologia para realização de práticas

educativas, de acordo com as necessidades específicas do espaço. Vemos como é necessária a atualização dos educadores museais, a formação continuada desses profissionais nos aspectos de conteúdos específicos, mas também nos aspectos voltados à educação e à divulgação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. **Sociologia da Educação não-escolar: Reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática.** Porto, Portugal: Aprontamento, 1992.

ANTÚNEZ DEL CERRO, N. **Metologías Radicales para la comprensión de las Artes Visuales en Primaria y Secundaria en contextos Museísticos en Madrid Capital.** Tese – Universidad Complutense de Madrid. Madrid, España. 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2006. 432p.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação.** São Paulo : Max Limonard, 1988.

BRASIL, Ministério da Cultura. Vale. Plano Educativo Memorial Minas Gerais Vale. Belo Horizonte, MG. 2015.

Cazelli, Sibebe. **Ciência, Cultura, Museus, Jovens e escola: Quais as relações?** 2005. 284. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 22 de Agosto de 2005, Rio de Janeiro. ~

Chagas, I. (1993). **Aprendizagem não formal/ formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas.** Revista de Educação, 3, 51-59. Lisboa.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Org.). **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015.

Fronza-Martins, Aglay Sanches. **Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte.** 2007. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Da-magia-a-sedu%C3%A7%C3%A3o.pdf

GARCÍA CUESTA, Judith. **Las representaciones audiovisuales de los cuentos**

tradicionales europeos como recurso didáctico de la educación artística en la formación de formadores. Tese - Universidad Complutense de Madrid. Madrid, España. 2011.

HERNANDEZ, Fernando. **Educación y Cultura Visual**. Barcelona: Octaedro, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. Ciência e Letras, 2000.

MORAES, A. Direito constitucional. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 836 p.

Praxedes, Gutemberg de Castro. **A utilização de espaços de educação não formal por professores de Biologia de Natal – RN**. 2009. 167. Dissertação. Natal, RN. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/GutembergCP.pdf>

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo, FAPESP/Illuminuras, 1997.

VON SIMSON, Olga R. M. **Som e Imagem na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa**. In: Anais do Seminário: Pedagogia da Imagem e Imagem na Pedagogia. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 1996.

VON SIMSON, Olga R. M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (orgs) **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de memória, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Ficha Técnica da equipe educativa do Memorial Minas Gerais Vale.
Novembro de 2015.

FICHA TÉCNICA. Novembro, 2015.

Coordenadora Educativo: Mabel de Melo
Faleiro.

Assistente Pedagógico: Charles Junio
Souza.

Assistente de Projetos: Sílvia Coelho.

Assistente Educativo: Tiago dos Reis.

Educadores:

Ana Luiza Neves.

Carolina Santana.

Caroline Olivera.

Davide Check.

Ernst Clauss.

Gustavo Mackenzie.

Henrique Bedetti.

Isabella Brandão

Juliana Silva.

Lauren Rial.

Leopoldo Maia.

Marcela Apgaua.

Natalia Martins.

Nancy Mora Castro

Neuma Rosa.

Smally Rodriguez.

Valdir Santos.

Estagiários:

Larissa Altemar.

Suzi Andrade.

Recepção:

Kelly Teixeira.

Liliane Augusta

Luiza Galvão.

Zélia Lopes.

ANEXO B – Relatos de visita, Educadora Lauren Rial em 02/10/2015, e Ana Luiza
Neves em 2013/2015.

Africanidades e Mapa Afetivo

Registro de Prática

No dia 24/09 recebi um grupo de EJA Juvenil, idade 15 e 16 anos. Para
começar fomos para a sala **Caminhos e Descaminhos** e depois de

Proposição da linha – Ana Luiza Neves

Inspirada no trabalho da artista plástica Lygia Clark (1920-1988) que propunha que a arte fosse criação conjunta do espectador e a obra, e pensando o Memorial como lugar não só de guardar memória, ou produzir conhecimento, mas de reconhecer a importância de cada um nessa construção, criei a seguinte proposição: